

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

CAIO FARIA E SOUZA SPECHOTO

A vida trabalhada

**RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*,
ministrada pela Prof^a. Gislene Silva
no primeiro semestre de 2015**

**Florianópolis
Junho de 2015**

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC		
ANO	2015.1		
ALUNO	Caio Faria e Souza Spechoto		
TÍTULO	A vida trabalhada		
ORIENTADOR	Carlos Augusto Locatelli		
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Website	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração: Florianópolis
	<input type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem ()	(<input checked="" type="checkbox"/>) Florianópolis () Brasil () Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Trabalho, identidade, conflitos trabalhistas, desemprego		
RESUMO	<p>A relação das pessoas com o trabalho é fator determinante na construção de identidades, estilos de vida e na legitimação social dos indivíduos. O trabalho também define, na maioria das vezes, em qual escala as pessoas têm acesso a bens e serviços. Além disso, envolve forte conflito entre patrões e empregados. Esta grande reportagem em texto pretende discutir através de histórias contadas por trabalhadores, análises de especialistas e revisão bibliográfica aspectos dessas relações. A narrativa se divide em três partes. A primeira sobre remuneração, a segunda sobre a identificação e satisfação com o trabalho e a terceira sobre conflitos nessa área. Apesar de feito a partir da região da Grande Florianópolis, o texto não pretende ser geograficamente restritivo.</p>		

“Que programas políticos resultam dessas necessidades interiores, eu simplesmente não sei. Mas sei que um regime que não oferece aos seres humanos motivos para ligarem uns para os outros não pode preservar sua legitimidade por muito tempo.”

Richard Sennett

SUMÁRIO

1. RESUMO.....	9
2. INTRODUÇÃO.....	11
3. PROCESSO DE PRODUÇÃO.....	16
3.1. Pesquisa e Apuração.....	16
3.2. Redação e Edição.....	22
4. DIFICULDADES, DESAFIOS, APRENDIZADO.....	24
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26
6. BIBLIOGRAFIA NÃO REFERENCIADA	28

1. RESUMO

A relação das pessoas com o trabalho é fator determinante na construção de identidades, estilos de vida e na legitimação social dos indivíduos. O trabalho também define, na maioria das vezes, em qual escala as pessoas têm acesso a bens e serviços. Além disso, envolve forte conflito entre patrões e empregados. Esta grande reportagem em texto pretende discutir através de histórias contadas por trabalhadores, análises de especialistas e revisão bibliográfica aspectos dessas relações. A narrativa se divide em três partes. A primeira sobre remuneração, a segunda sobre a identificação e satisfação com o trabalho e a terceira sobre conflitos nessa área. Apesar de feito a partir da região da Grande Florianópolis, o texto não pretende ser geograficamente restritivo.

2. INTRODUÇÃO

A relação entre as pessoas e o trabalho – tema desta grande reportagem em texto – é central na nossa sociedade, e vai mudando de acordo com as transformações dessa sociedade. No modo de produção feudal, por exemplo, ele era parte de um contrato de fidelidade servil entre senhor e servo. Depois, no capitalismo, se tornou fator de legitimação social – no caso da doutrina protestante, inclusive questão religiosa – e ganhou ainda mais importância devido ao consumismo necessário à dinâmica econômica que esse sistema propõe, já que para a esmagadora maioria das pessoas é necessário primeiro vender a própria força de trabalho para depois comprar uma mercadoria qualquer. Mas se reconhece a importância dessa atividade para a humanidade mesmo em épocas muito anteriores e para além da exclusiva sobrevivência:

A história da realização do ser social, muitos já o disseram, objetiva-se através da produção e reprodução de sua existência, ato social que se efetiva pelo trabalho. Este, por sua vez, desenvolve-se pelos laços de cooperação social existentes no processo de produção material. Em outras palavras, o ato de produção e reprodução da vida humana realiza-se pelo trabalho. É a partir do trabalho, em sua cotidianidade, que o homem torna-se ser social, distinguindo-se de todas as formas não humanas. (ANTUNES, 1999, p. 121)

Assim, o trabalho tem impacto direto na vida de um indivíduo à medida que sua remuneração determina seu acesso a bens e serviços tanto em qualidade quanto em quantidade. Porém, sua centralidade vai além das condições materiais que pode proporcionar a um trabalhador que vende sua força de trabalho. Em *A Corrosão do Caráter*, Richard Sennett comenta que ao ter o mesmo emprego por bastante tempo, algo estável, é mais fácil para um indivíduo traçar uma narrativa linear de sua vida:

O Capitalismo do século dezenove tropeçou de desastre em desastre nas bolsas de valores e nos investimentos empresariais irracionais; as loucas oscilações do ciclo comercial pouca segurança ofereciam às pessoas. Na geração de Enrico [um faxineiro], após a Segunda Guerra Mundial, essa desordem foi de algum modo posta sob controle na maioria das economias avançadas; sindicatos fortes, garantias do estado assistencialista e empresas em grande escala combinaram-se e produziram uma era de relativa estabilidade. Esse período de mais ou menos trinta anos define o “passado estável” hoje contestado por um novo regime. (SENNETT, 2002, p. 23)

Continuando seu ensaio, Sennett discorre sobre a dificuldade do filho deste faxineiro, referido na obra como Rico, de estabelecer alguma linearidade na narrativa de sua vida. Ele, diferentemente de seu pai, já teve diversos empregos, em várias cidades distintas. Ainda, devido ao avanço da dinamicidade do mercado de trabalho dos Estados Unidos e das tecnologias de informação e comunicação já bastante ágeis nos últimos anos do século XX e primeiros do XXI, o sujeito viu-se obrigado a passar muito tempo em função do trabalho, mesmo em seus momentos de folga, com medo de alguém tomar seu lugar caso procedesse de outra maneira. Assim, havia dificuldades em estabelecer relações com os colegas e mantê-las, além de problemas gerados para a família.

Como se podem buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações sociais duráveis? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? As condições da nova economia alimentam, ao contrário, a experiência com a deriva no tempo, de lugar em lugar, de emprego em emprego. Se eu fosse explicar mais amplamente o dilema de Rico, diria que o capitalismo de curto prazo corrói o caráter dele, sobretudo aquelas qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável. (SENNETT, 2002, p. 27)

O mercado de trabalho brasileiro provavelmente não chegou, pelo menos ainda, no ponto em que estava o estadunidense quando Sennett o analisou no citado livro, lançado em 1998 nos EUA. Talvez, em alguns segmentos econômicos nas grandes cidades brasileiras, até esteja próximo. Segundo dados do IBGE (2014), mais de 72% dos trabalhadores das principais regiões metropolitanas do país estão no mesmo emprego há pelo menos dois anos, mas esse é o maior intervalo de tempo que a Pesquisa Mensal de Emprego apura. Não fornece informações de, por exemplo, qual parcela da PEA está há mais de dez anos no mesmo posto de trabalho. O DIEESE (2014) também trás informações relevantes: em 2013, a taxa de rotatividade nos empregos em regime de CLT foi de 63,7%. Desses pontos percentuais, 43,4 por vontade do empregador e 20,3 por vontade do empregado.

É bastante comum, em debates políticos, a citação de uma “flexibilização das leis do trabalho”. A CLT completou, em 2013, setenta anos e continua sendo o principal regimento. Foi fruto de mobilizações dos

trabalhadores que queriam, por exemplo, uma regulamentação da jornada de trabalho – na Europa, a jornada de oito horas já era uma reivindicação de movimentos trabalhadores desde 1889 [HOBSBAWM, 1995]. Hoje, depois de processos de mecanização e automatização, são necessárias muito menos horas de trabalho para uma produtividade igual à de décadas atrás, porém pouco mudou na duração do dia de trabalho regulamentado pelas leis. Recentemente, as Centrais Sindicais voltaram a pressionar por uma redução na jornada de trabalho de 44 para 40 horas semanais (quando a Constituição [1988] vigente foi promulgada, em 1988, a jornada caiu de 48 para 44). Obviamente, as entidades patronais também disputam esse espaço e atuam para que o custo da mão-de-obra siga o mais baixo possível.

É evidente que essas transformações e, provavelmente em menor medida, até mesmo as disputas políticas que cercam o trabalho pesam sobre o modo que o trabalhador enxerga seu lugar na sociedade e a si mesmo.

A noção de identidade como um processo construído individualmente, pressupondo um sujeito autônomo e unitário, vem sendo questionada por teóricos do campo dos Estudos Culturais (Guareschi, Medeiros & Bruschi, 2003; Hall, 2001; Silva, 2004; Woodward, 2004). Estes autores argumentam que as identidades modernas estão entrando em colapso, porque um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades desde o final do século passado, trazendo como resultado a fragmentação das paisagens culturais de classe, sexualidade, nacionalidade etc., que, no passado, nos forneciam sólidas localizações como indivíduos sociais. (COUTINHO, KRAWULSKI e SOARES, 2007, p.30)

Dessa forma, é de interesse público uma grande reportagem em texto que conte histórias dessa relação na vida de trabalhadores e que, através delas, leve à sociedade reflexões, explicações e inquietações da academia – eventualmente do repórter – e levante outras advindas dos próprios leitores. Também há forte Interesse Humano, já que praticamente todas as pessoas trabalham, já trabalharam ou vão trabalhar um dia, o que fomenta identificação e empatia dos leitores para com os entrevistados, além de saber que as análises de especialistas são sobre algo que efetivamente afeta sua vida. Sobre o interesse humano, Nilson Lage comenta:

A identificação, fora da pirâmide social e das motivações protetivas, ocorre também por semelhança (dos velhos com um velho, dos jovens com um jovem, dos tristes com um triste) em algum aspecto considerável e real; ou ainda por semelhança entre o *real* (grifo do autor) proposto (o líder na fábrica, o cidadão acompanhado por uma mulher bonita) e as aspirações, fantasias, desejos do consumidor (o operário, o burocrata de meia idade). Gente como a gente, gente como gostaríamos de ser. (LAGE, 2001, p. 103)

A mídia desta reportagem, gênero “que trata de assuntos, não necessariamente de fatos novos” (LAGE, 2001, p. 51), deve ser o texto impresso – ou disponibilizado via internet – pois os aspectos mais interessantes que essa pauta pode proporcionar para narrativas são *flash backs*, pensamentos dos entrevistados, em suma, histórias pessoais. A narrativa em texto, por permitir apuração e produção sem câmeras e gravadores, facilita o aprofundamento das entrevistas e o ganho de confiança das fontes por parte do repórter. Isso ganha importância ainda maior em uma pauta onde o interesse humano, como dito anteriormente, é dos maiores atrativos. Com texto também é mais simples fazer explicações abstratas, como de reflexões da academia.

Sobre a relação entre as pessoas e seus respectivos trabalhos já existem grandes quantidades de estudos em áreas diversas, como sociologia, psicologia, economia. Esses estudos geraram conhecimento sistematizado e transmissível, que Robert Park (1976) chama de *conhecimento acerca* de algo. É necessário que o repórter conheça pelo menos alguma coisa deste acúmulo, de maneira que a apreensão da realidade seja facilitada. O mito da imparcialidade jornalística, no caso desta reportagem, já começa a cair aqui. Cada trabalho acadêmico sobre o tema em questão foi feito sob algum referencial teórico específico e, ainda que no levantamento da bibliografia mais de um referencial seja contemplado, transparecerá no texto aquele(s) que fizer(em) mais sentido para o repórter – levando-se em consideração que este trabalho não estará sujeito aos processos e relações sistematizados pela Teoria Organizacional, que fala sobre o controle de diversas pessoas em cargos de chefia nos jornais sobre o processo de produção daquilo é chamado genericamente de notícia.

Adelmo Genro Filho, em *O Segredo da Pirâmide* (2012), discute o processo de apreensão da realidade pelo repórter, através de seus

conhecimentos, convicções, experiências, predileções. Para o autor, a imparcialidade não faz nada que não afirmar a ideologia e dinâmicas sociais hegemônicas, e a recusa totalmente. Crava que isso não é um deslize ético, se feito com honestidade, e celebra a subjetividade:

A maioria dos autores reconhece que a objetividade plena é impossível no jornalismo, mas admite isso como uma limitação, um sinal da impotência humana diante da própria subjetividade, ao invés de perceber essa impossibilidade como um sinal da potência subjetiva do homem diante da objetividade. (GENRO FILHO, 2012, p.194)

Assim, não há que se esperar um texto asséptico, inerte, como é o estereótipo do jornalismo ideal inculcado no imaginário das pessoas.

Retomando a escolha de *o que ler*, citada anteriormente. Mesmo que num nível menos formal que trabalhos acadêmicos, essa escolha também é bastante dependente do modo de ver o mundo de uma pessoa, suas ideias, gostos etc. A elaboração desta pauta foi motivada, no âmbito pessoal, pelas passagens em que o velho Boa Morte, personagem coadjuvante do clássico de Émile Zola, *Germinal* (2006), escarra carvão, acumulado em seus pulmões durante os trinta anos de trabalho na mina – principalmente a primeira, pois o ineditismo deixa as coisas mais chocantes e interessantes não só no jornalismo. Ler a descrição desse relacionamento literalmente visceral com o trabalho levantou de vez uma inquietação que tenho há tempos, que pode ser simploriamente explicada pela dicotomia *trabalhar para viver e viver para trabalhar*. Em *Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico*, publicado pela editora Insular em 2005, a pesquisadora portuguesa Cristina Ponte enumera algumas contribuições da escola realista de literatura para o jornalismo de reportagem. Ela comenta sobre a ideia realista de procurar um retrato da realidade, o que acabaria sendo um tipo de inspiração para a reportagem enquanto gênero jornalístico. Podemos dizer que esta pauta, pelo menos para mim, acaba sendo também uma contribuição da literatura, obviamente muito mais pontual e pessoalizada.

3. PROCESSO DE PRODUÇÃO

3.1 Pesquisa e apuração

A primeira ideia deste trabalho começou a mudar antes mesmo do início da apuração, ainda em 2014. A princípio a proposta era ler bastante, conversar com especialistas o quanto fosse necessário e, em seguida, procurar fontes de não-especialistas e montar o texto apenas com as histórias dessas pessoas. Esse plano foi abortado por dois motivos. O primeiro é que isso demandaria por parte do repórter um conhecimento bastante profundo em, entre outras áreas, psicologia, economia e sociologia. Conforme as leituras acerca do mundo do trabalho iam avançando, percebi que levaria anos para acumular conhecimento suficiente para executar a reportagem dessa forma. O outro motivo é o conflito que envolve as relações de trabalho. Um texto montado apenas na perspectiva de trabalhadores comuns talvez não desse a dimensão disso. Percebi que colocar esse conflito analisado por especialistas, perguntar para os próprios líderes patronais sobre pautas como a flexibilização das leis do trabalho e conversar com a procuradora chefe do MPT em Florianópolis seriam maneiras mais efetivas e executáveis de dar essa dimensão. Em suma, um passo mais coerente com o tamanho de minhas pernas.

Mais ou menos na época em que tomava essa decisão, entrevistei o professor Pedro Antônio Vieira, especialista em economia do trabalho. Meu orientador havia tido aulas com ele no mestrado, e o indicou. Vieira acabou se tornando a principal fonte especialista da reportagem. Além de aparecer citado em duas das três partes do texto (me habituei a não contar a introdução como parte do texto porque para montá-la praticamente só usei elementos das outras três partes), o resgate histórico feito na última retransmissão nasceu dessa entrevista com ele. Naquele momento percebi que eram informações e interpretações importantes para a reportagem. Assim, usei a parte da entrevista em que o professor falou sobre história como um ponto de partida para procurar o que eu precisava na “Era dos extremos”. Não que eu duvidasse das palavras do professor. A questão é que um economista tem muito mais autoridade para falar sobre economia do que história, apesar de serem áreas do conhecimento extremamente interligadas. Além disso, a obra de Hobsbawm é amplamente

conhecida e seu nome é um dos mais pesados entre os historiadores do século XX. O próprio professor Pedro havia citado o inglês. Antes de conversar com ele eu já havia lido “A corrosão do caráter”, por indicação do professor Jacques Mick, e “Adeus ao trabalho?”, que era a principal referência bibliográfica de um dos artigos que eu encontrei.

A entrevista com o professor Pedro Antônio Vieira foi a primeira porque um dos artigos que ele tem publicado é justamente um crítica à centralidade do trabalho. Consegui ver minha pauta de um ângulo mais claro e pude planejar a apuração com um pouco mais de segurança depois dessa conversa. Logo depois disso, vieram as férias. Fui passar um tempo no interior de SP com minha família e levei artigos e livros comigo, para dar uma adiantada na pesquisa e, preferencialmente, já ter lido todo o essencial antes de voltar para Florianópolis. Em geral, eram textos das fontes especialistas que eu já havia elencado ou que faziam parte da bibliografia desses textos. A lista do que foi lido sem ser citado diretamente está em “bibliografia não referenciada”, no final deste relatório.

Todas as fontes acadêmicas são professores da UFSC. Isso se deve, em parte, a uma outra fração da ideia inicial que caiu durante a produção da reportagem. Quando elaborei o projeto do TCC, imaginava focar a matéria no mundo do trabalho em Florianópolis. Mas na primeira conversa que tive com o professor Locatelli, meu orientador, depois da volta das férias ficou decidido que o objetivo seria falar sobre a relação das pessoas com o trabalho de maneira mais genérica, ainda que apurando na região metropolitana de Florianópolis. Isso abriria a possibilidade de tentar entrevistar por telefone autoridades de outras universidades, institutos de pesquisa, sindicatos, etc. Mas julguei que os existentes aqui suficientemente qualificados para tal. Também pesou muito a minha preferência por entrevistas presenciais.

Eu havia voltado um mês antes do começo das aulas para apurar. A intenção era terminar de entrevistar os especialistas, que no total foram oito, antes do início do semestre letivo e, depois, começar a procurar as fontes de não-especialistas e entrevista-las. Escolhi essa ordem de ações para que as primeiras entrevistas, mais técnicas e teóricas, e as leituras me ajudassem a saber o que eu precisaria tirar de cada fonte-personagem. Não consegui

cumprir esse cronograma, a última entrevista que fiz da primeira leva foi já na terceira semana de aulas.

Entre as fontes especialistas que eu tinha elencado, só não entrevistei a professora Maria Soledad Etcheverry Orchard. Houve uma série de contratempos que foram adiando essa entrevista e, em dado momento, julguei que já tinha juntado informação e interpretação suficientes. Mais pontualmente, conversei com uma pesquisadora que foi orientanda da professora Maria Soledad no mestrado, Melissa Coimbra. Ela fez uma pesquisa sobre a situação das trabalhadoras da indústria têxtil-vestuarista de Jaraguá do Sul, um lugar que vive a realidade das terceirizações desde o final da década de noventa. Das outras entrevistas com especialistas que planejei, todas deram certo.

O supervisor técnico do DIEESE em Florianópolis, José Álvaro Cardoso, é economista pós graduado e lida com questões trabalhistas, do lado dos trabalhadores, há mais de vinte anos. Ele é o responsável local por diversas pesquisas e levantamentos que o Departamento faz. A procuradora chefe do Ministério Público do Trabalho, Ângela Cristina Santos Pincelli, é das pessoas mais indicadas para falar sobre conflitos na Justiça e sobre fiscalização das relações de trabalho. Durval Marcatto Júnior (única entrevista feita por telefone) e Celso Spagnoli, das câmaras de relações trabalhistas de FIESC e FECOMERCIO, são a voz dos patrões. O professor Paulo Tumolo participou de uma pesquisa qualitativa com pessoas em situação de desemprego. A professora Edite Krawulski é especialista em psicologia do trabalho, e eu já havia conversado com ela antes, para outra matéria sobre um assunto próximo.

Depois de terminar as entrevistas com os especialistas, comecei a procurar as pessoas comuns, o que me habituei a chamar de fontes não-especialistas, como já transpareceu em outras partes deste relatório. Elenquei uma série de arquétipos que gostaria de entrevistar, mais de dez. Porém, depois da primeira entrevista percebi que com essa quantidade de pessoas ficaria complicado de se aprofundar nelas, e isso endureceria muito o texto. Me toquei também que algumas pessoas representam mais de um arquétipo. Por exemplo: queria que gente da agricultura familiar e alguém que tem o mesmo trabalho há muito tempo fossem parte da reportagem, e as duas mulheres agricultoras que entrevistei satisfizeram as duas intenções. Uma delas trabalha com roça há mais de vinte anos e a outra há cerca de quarenta.

A primeira entrevista dessa segunda parte da apuração foi com Giácomo Lemos, o programador que luta MMA. Cheguei até ele perguntando para amigos se conheciam alguém que não gostasse do próprio trabalho e dei sorte. Além dele não gostar ser analista de sistemas, dedica enorme parte do seu tempo às lutas, preparação física, musculação e regimes alimentares. Apesar de, na época em que conversamos, ele ter feito apenas uma luta nessa categoria, se identificava como lutador sem pestanejar. Assim, além de se encaixar na questão de satisfação no trabalho, ainda podia exemplificar questões de identidade profissional.

A entrevista com ele começou ruim, mas depois de vinte minutos foi das mais fáceis que fiz na vida. Ele parecia bastante empolgado por estar dando uma entrevista, e queria muito falar das lutas, treinamentos, etc. Eu, por outro lado, precisava principalmente de informações sobre o trabalho que ele tem e os significados que dá às coisas que faz. Quando o primeiro assunto chegou perto do esgotamento, as coisas começaram a correr conforme eu gostaria. Essa foi a única entrevista com fonte não-especialista em que usei gravador. Depois de cinco minutos de conversa me passou pela cabeça que talvez ele, especificamente, se sentisse ainda mais à vontade para falar com um gravador ligado do que sem. Acredito que foi uma leitura acertada.

Apenas duas das fontes não-especialistas que entrevistei foram por intermédio de amigos. A outra foi Ana Paula Pizzinato, penúltima pessoa com quem conversei. Originalmente, ela deveria ser uma fonte para ilustrar a questão do desemprego, mas durante a entrevista percebi que ela não era representativa para tal. Tem um apartamento alugado em Porto Alegre e grande ajuda de seus pais, mesmo à distância, para criar a filha de treze anos. Por isso, ficar desempregada foi um problema bem menor para ela do que para a maioria das pessoas. Ela foi mantida no texto para dar um contraste com a outra fonte que passou por situação de desemprego e, principalmente, pela troca constante de empregos nos últimos tempos, que ela não acha ruim.

Cheguei nas outras fontes sem nenhum intermediário conhecido. Para encontrar as agricultoras familiares, fui até a cidade de Antônio Carlos, na região metropolitana de Florianópolis. Lá a agricultura familiar é tão forte que, segundo o senso de 2010 do IBGE, a proporção de moradores na zona rural e urbana do município é mais de 2 para 1. O único contato que tinha era do

escritório local da EPAGRI, havia ligado lá antes para saber onde ficavam as zonas horticuloras. Cheguei na cidade, de ônibus, por volta das sete e meia da manhã, pedi informação e saí andando. Como eu não sabia exatamente onde estava indo e precisava conhecer o lugar para poder descrevê-lo melhor, fui e voltei caminhando da zona rural duas vezes – devo ter andado pelo menos uns 25 quilômetros naquele dia.

Por volta das nove horas encontrei Maria Leci da Silveira Manes numa pausa para alimentação com outros três trabalhadores. Ela aceitou dar entrevista, mas só às duas da tarde – quando estaria amarrando salsa no galpão e poderia trabalhar e me atender ao mesmo tempo. Voltei para o centro da cidade e fui até a EPAGRI para conseguir algumas informações mais duras. Essa ida ao escritório local só não foi em vão porque uma das agrônomas responsáveis, Cassiele Bley, trabalhava por lá já havia muitos anos e tinha bom conhecimento empírico. Mas a quantidade de informação disponível era decepcionante. Não sabiam, por exemplo, qual a renda média de uma família horticulora.

Depois do almoço, fui até o barracão onde Leci estava trabalhando e a entrevistei. As condições materiais das famílias que vivem de horticulora por ali em geral não são ruins, mas as dela estavam bem acima da média. Ela e o marido têm, por exemplo, dois funcionários, e o galpão deles era visivelmente maior que os outros. Leci me confirmou que eles estavam de fato muito bem em relação aos outros agricultores. Decidi procurar mais uma fonte por ali. Dei mais uma volta pelo local e encontrei Luciane Manes Koch trabalhando sozinha numa horta de rabanetes. Só descobri que ela e Leci eram parentes quando lhe perguntei o nome inteiro, no final da entrevista. Coisas de cidade pequena.

Leci é mais articulada e desenvolta que Luciane, falava com mais segurança sobre o mercado da horticulora, a relação com os vizinhos, tudo. Luciane, por outro lado, mesmo que com muito poucas palavras e de modos bastante tímidos, respondia às perguntas com uma expressividade muito mais própria. Foi a entrevista mais difícil da reportagem. Ela frequentemente alternava respostas em poucas frases curtas e pontuais com silêncios pensativos para, em seguida, dizer algo mais pessoal ou subjetivo. Demorei para entender a dinâmica dessa conversa.

Para encontrar Antônio de Andrade eu circulei em volta dos alojamentos de obras que existem dentro da UFSC por dois dias. No primeiro dia – um sábado –, os alojamentos estavam muito quietos e em um deles havia um churrasco. Não quis atrapalhar nem o descanso nem a diversão dos trabalhadores e resolvi voltar outra hora. No dia seguinte, encontrei um operário na porta do alojamento existente ao lado do Restaurante Universitário e do Centro de Convivência. Falei o que estava fazendo e ele me apresentou a Antônio, que estava no local havia mais tempo do que a maioria de seus colegas. Conversei quase duas horas com ele, andando pelo alojamento. Julgo que o material dessa conversa foi o melhor da reportagem, Antônio gostava bastante de contar a vida.

Eu não queria abordar um desconhecido para falar sobre desemprego. É um assunto delicado que pode trazer à tona experiências desagradáveis. Fiquei até o último momento possível tentando através de amigos e conhecidos encontrar alguém que tivesse passado por uma situação de desemprego, mas a única fonte que havia conseguido dessa forma fora Ana Paula Pizzinato. Só depois da primeira versão do texto já escrita eu resolvi, um pouco por incentivo de amigos, ir até o Posto de Atendimento ao Trabalhador, no Centro de Florianópolis, e perguntar para pessoas desconhecidas o que elas estavam passando. Assim conheci João Ferreira Campos Filho.

Mesmo sem ter planejado, acabei fazendo isso em duas etapas. Na primeira vez que fui até a repartição eu estava decidido a voltar para casa com a apuração terminada. A primeira versão do texto já havia sido corrigida pelo orientador e aquilo estava se estendendo bem mais que deveria. Mas fiquei extremamente constrangido na hora de parar pessoas e perguntar o que estava acontecendo e, além disso, havia pouquíssimo movimento por ali – era uma tarde de quinta-feira. Acabei ficando parado do lado de fora observando o local por uns quarenta minutos, um pouco tomando coragem e outro tanto pensando numa saída. Vi que três mulheres, aparentemente funcionárias do local, estavam fumando do lado de fora.

Duas delas voltaram para o trabalho e uma ficou para trás. Abordei-a. A última coisa que eu queria era usar a via institucional para chegar a uma fonte. Ainda na fase de apuração eu havia tentado conseguir umas informações – que acabei nem usando – através da secretaria de saúde do município e me

submeteram a um trâmite burocrático absurdo, conselho de ética, etc. Algo que pode fazer sentido para pesquisas acadêmicas, mas inviabiliza, por questões de tempo, qualquer reportagem. Comecei a conversar com a mulher sobre o funcionamento do Posto de Atendimento ao Trabalhador e ela me deu uma informação que não só facilitou minha apuração como acabou com meu constrangimento.

O posto tem, entre outras atribuições, a função de encontrar trabalhadores desempregados para ocuparem postos de trabalho vagos que gerentes, donos de empresa, etc anunciam através dali. Quando uma pessoa sai do prédio carregando uma folha de papel, é quase certeza de que foi encaminhada para uma entrevista. Assim, eu consegui visualmente filtrar quem estava procurando emprego e quem tinha ido até lá por algum outro motivo e, principalmente, me deixava menos constrangido por supor que a possibilidade real de sair do desemprego deixaria qualquer um com mais vontade de falar.

Voltei no dia seguinte no final da manhã, que segundo funcionários é o horário de pico da repartição, fiquei sentado na sala de espera por um tempo e escolhi tentar conversar com João. Escolhi porque havia umas quinze outras pessoas por lá, mas a maioria mais jovem, com possibilidade de estarem com problemas de inserção no mercado de trabalho, e não reinserção. Não pensei nisso na hora, mas o fato dele ser um sujeito de meia idade deve ter facilitado a entrevista. Ele falou sobre problemas bastante sérios que está tendo de maneira muito segura e firme.

Voltei para casa e encerrei a apuração.

3.2 Redação e edição

O texto foi dividido em três partes e uma abertura. Foi pensado para uma revista de reportagem como a Brasileiros, mas poderia também ser publicada em jornal ou revista semanal. Um portal de notícias também poderia publicar esse texto, como matéria especial. Essa publicação poderia ser toda de uma vez – mais indicado para revista mensal – ou em três edições seguidas, com a abertura e a primeira parte juntas e as outras duas separadamente – mais indicado para jornal ou portal. Foi apurada toda na região da Grande Florianópolis, mas uma eventual publicação não precisaria se

ater a esse recorte espacial. As questões tratadas são muito amplas e as fontes são pessoas que poderiam estar em qualquer outro lugar do país.

A abertura é um tipo de prefácio, explica e justifica a matéria. Isso foi necessário nessa reportagem devido à abstração da pauta e à naturalidade com que o trabalho é tratado na sociedade. As pessoas não estão acostumadas a verem na imprensa matérias sem um gancho. Além dessa explicação, tem parágrafos sintetizando aspectos das outras três partes da reportagem.

A primeira parte fala principalmente da questão material. Esse aspecto foi escolhido para entrar no começo da reportagem porque a remuneração dos trabalhadores influencia fortemente no que as outras duas retrancas abordam. Nesse trecho, a matéria fica principalmente em cima das entrevistas com a horticultora Luciane Manes e o carpinteiro Antônio Andrade. A fala de Luciane, “a gente gasta mais”, é usada para exemplificar a necessidade do aumento do consumo existente no capitalismo. “Faz menos força”, dito por Antônio, puxa a questão do aumento de produtividade na remuneração do trabalhador. Os dois aspectos são totalmente interligados já que o aumento do consumo é necessário devido ao aumento da produtividade. No final, entra-se no tema da ausência de remuneração, com o desemprego. Esse é um aspecto bastante forte e que poderia ter sido aberto o texto, mas preferi deixar no final para ligar a primeira parte à segunda.

A segunda retranca se foca nos significados que as pessoas atribuem ao trabalho, incluindo quando se está em situação de desemprego – que abre essa parte da reportagem. Também toca na questão da centralidade do trabalho na sociedade e tenta explicar o que isso quer dizer. Novamente, Antônio Andrade e Luciane Manes são fontes muito importantes. Antônio porque mora no alojamento da obra, a poucos metros do relógio de ponto. Luciane, e também sua cunhada Leci, são importantes porque falam sobre gostar do trabalho e da relação com a família.

A terceira parte é mais ancorada em especialistas, falando sobre conflitos trabalhistas. Essa retranca foi deixada por última porque as duas partes anteriores precisavam dar a dimensão e importância do que está em disputa entre patrões, empregados, procuradores, etc. O supervisor do escritório do DIEESE, uma instituição mantida por sindicatos, foi colocado

como a voz dos trabalhadores, ou pelo menos do movimento sindical. Durval Marcatto Júnior e Célio Spagnoli, de FIESC e Fecomercio/SC, falam pelos empresários. Como imaginei que as falas dos demais especialistas seriam mais simpáticas aos trabalhadores que aos patrões, não senti a necessidade de trazer para a matéria um líder do movimento sindical para empatar numericamente com os líderes patronais.

Há, também, um resgate histórico sobre conflitos trabalhistas no século XX. Tudo o que aparece sobre isso na reportagem foi extraído da entrevista com o professor Pedro Antônio Vieira e confirmado no livro “Era dos extremos”, do historiador inglês Eric Hobsbawm. Como já haviam muitas vozes na matéria e a obra de Hobsbawm é das mais importantes sobre a época em questão, incorporei ao meu texto parte desse resgate para que esse trecho da reportagem ficasse um pouco menos declaratório. Também houve um cuidado para que o texto mantivesse um tom que lhe conferisse credibilidade. Posicionado, sim, mas não panfletário.

A diagramação não faz parte deste Trabalho de Conclusão de Curso, a parte gráfica do jornalismo é uma área que nunca me interessei tanto (apesar de sua importância). O motivo desta reportagem ter sido entregue para a banca no formato de revista e não em texto corrido foi o espaço para títulos e demais elementos de edição. Independentemente disso, vão os créditos: fiz a diagramação toda menos o infográfico. Peguei as informações necessárias e o planejei, mas quem efetivamente o montou de maneira apresentável foi Luiz Fernando Menezes, estudante do Curso. Como os textos são extensos e, apesar de seguirem algum eixo, tocam em assuntos bastante diferentes, os títulos foram elaborados de maneira bastante genérica. A verdadeira explicação sobre o que esperar da matéria vem em seguida, nos grandes olhos principais. Os olhos-detalhe não têm grande segredo: destacam o que há de mais forte na página.

Fechei o texto no final de maio, com informações duras referentes a abril. Não utilizei dados referentes a maio porque a Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE é divulgada apenas no dia 27 de cada mês.

4. DIFICULDADES, DESAFIOS, APRENDIZADO

O principal problema foi, sem dúvida, transformar algo tão abstrato em uma pauta para reportagem. Apesar da entrevista com o professor Pedro Antônio Vieira ter dado uma boa clareada na minha cabeça, eu só fui conseguir colocar as ideias em ordem mesmo e visualizar um texto com começo meio e fim depois de bem mais da metade da apuração feita, quando meu orientador disse que não dava mais para esperar e me mandou fazer pelo menos um esqueleto da matéria – mais ou menos na segunda quinzena de abril. Eu sabia que ia precisar fazer isso mais cedo ou mais tarde, mas provavelmente esperaria terminar a apuração. Seria um grande erro. Depois do texto pelo menos visualizado fica bem mais fácil de saber quais informações estão faltando, e logo depois de esquematizado encontrei algumas lacunas – as fechei antes de entregar a primeira versão do trabalho ao orientador, com exceção da entrevista com João Ferreira Campos Filho.

A recomendação do professor Locatelli foi de que o texto fosse feito de maneira bastante solta. Isso porque a pauta, por se tratar de algo abstrato e extremamente naturalizado, se aproximava um pouco a temáticas típicas de crônicas. Apesar de menores do que imaginei, tive problemas com essa recomendação. Meu estilo de texto, desde as primeiras disciplinas de redação, sempre foi mais seco e duro.

O problema foi menor do que poderia porque, durante a apuração, eu havia prestado muita atenção a gestos dos entrevistados – principalmente das duas agricultoras e do operário da obra – e seus locais de trabalho. Também fiz perguntas sobre acontecimentos passados e os significados atribuídos ao trabalho. Fica mais fácil fazer um texto solto dispondo desse tipo de informação. Também em nome do fluxo de texto, me dei a liberdade de me referir às fontes não-especialistas apenas pelo primeiro nome em algumas passagens. Isso lhes ressalta o lado humano. Assim como a referência aos especialistas apenas pelo nome completo ou sobrenome reforça a autoridade. A última parte do texto é quase toda de informação, análise e resgate histórico, por isso ficou mais dura.

Os problemas com as entrevistas de fontes não-especialistas já foram expostos neste relatório. Com os especialistas houve pouco a relatar. A única conversa um pouco mais difícil de conduzir foi a que tive com o professor Paulo

Sérgio Tumolo. Eu perguntava o que acontecia em torno do desemprego e ele normalmente respondia o que deveria acontecer. Mesmo assim a entrevista rendeu pontos bastante interessantes, como sua observação sobre reproduzir a existência como humano ou animal. Outra passagem digna de nota nas entrevistas foi um tipo de bronca que levei do professor Pedro Antônio Vieira por não ter lido, até aquele dia, seu artigo sobre a centralidade do trabalho. Isso aconteceu porque não esperava conseguir falar com ele naquela semana e estava mais preocupado com o levantamento bibliográfico que estava fazendo – nesse levantamento eu já havia encontrado esse artigo. Como a confirmação da entrevista veio de uma hora para a outra, não teve jeito.

Além dos aprendizados mais óbvios, como o conhecimento adquirido através do que tive de ler para arredondar a pauta, e aprimoramentos mais pontuais, como em dinâmica de entrevista, o que fica de principal é a elaboração de uma matéria dessa extensão e com apuração tão longa e variada. Tive que arrumar uma maneira de não me perder no meio das informações, entrevistas – as gravadas eu transcrevi, as que não gravei fiz, ao chegar em casa, um relatório com o que a fonte falou, suas reações, o ambiente e tudo mais que reparei (só não fiz isso com a entrevista de João Ferreira Campos Filho) – e fichamentos de textos acadêmicos.

Também fez bem para minha confiança como repórter, que nunca havia feito um trabalho com essa extensão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 6ed. São Paulo: Cortez, 1999.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Senado, 1988.
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm >

COUTINHO, Maria Chalfin; KRAWULSKI, Edite; SOARES, Dulce Helena Penna. **Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis.** Psicologia e Sociedade, vol.19. Porto Alegre, 2007.

DIEESE, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Os números da rotatividade no Brasil: um olhar sobre os dados da Rais 2002-2013.** DIEESE, 2014.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo.** 1ed. Florianópolis: Insular, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11ed, 1 reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991).** 2ed. 39 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indicadores IBGE: Pesquisa Mensal de Emprego – Junho de 2015.** IBGE, 2014.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia.** 3ed. Florianópolis: Insular, 2001.

PARK, Robert. Park, Robert E. **A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento.** In: STEINBERG, Charles, (org.) *Meios de comunicação de massa.* São Paulo, Cultrix, s/d. p. 168-85.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias – Linhas de análise do discurso jornalístico.** 1ed. Florianópolis: Insular, 2005.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** 6ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ZOLA, Emile. **Germinal.** 1ed. São Paulo: Martin Claret, 2006.

6- BIBLIOGRAFIA NÃO REFERENCIADA

Alguns dos textos que ajudaram no arredondamento da pauta e nas entrevistas, mas não foram citados diretamente no relatório.

ALBRECHT, Pricila Anny Tomachski; KRAWULSKI, Edite. **Concurseiros e a busca por um emprego estável: reflexões sobre os motivos de ingresso no serviço público**. Cadernos da Psicologia Social do Trabalho, vol.14, no.2. São Paulo, 2011.

COIMBRA, Melissa. **A cultura do trabalho em Jaraguá do Sul: um estudo sobre as trabalhadoras da indústria têxtil-vestuarista**. Florianópolis: Editoria em Debate/UFSC, 2014.

LEITE, Paula Cristina. **O cinturão verde da Grande Florianópolis – SC: estudo de caso do município de Antônio Carlos**. UDESC, 2013.

MARTINS, Selma Aparecida Caselli; KRAWULSKI, Edite. **Trabalho em integração com a vida: trajetórias de trabalhadores da atenção básica à saúde e a construção de sua identidade profissional**. Cadernos da Psicologia Social do Trabalho, vol.15, no.1. São Paulo, 2012.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO. **Indicadores da atuação do ministério público do trabalho em âmbito nacional**. 2013.

MELVILLE, Herman. **Bartleby, o escrivão: uma história de Wall Street**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (organizadores). **História da vida privada, 5: da primeira guerra aos nossos dias**. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SENNETT, Richard. **O artífice**. 1ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Narbal; TOLFO, Suzana da Rosa. **Trabalho significativo e felicidade humana: explorando aproximações**. Revista psicologia: organizações e trabalho. Florianópolis, setembro-dezembro de 2012.

TUMOLO, Lígia Maria Soufen; TUMOLO, Paulo Sérgio. **A vivência do desemprego: um estudo crítico do significado do desemprego no capitalismo**. Trabalho, Educação e Saúde, vol.2, no2. Rio de Janeiro, 2004.

VIEIRA, Pedro Antônio. OURIQUES, Helton Ricardo. **Elementos para uma crítica da centralidade do trabalho**. Pesquisa & Debate, vol.17, no2. São Paulo, 2006.

WEBER, Max. **A ética protestante o espírito do capitalismo**. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.